

O gosto pelas teorias especulativas em que biologia e psicanálise se misturam de maneira quase delirante não foi um elemento de aproximação apenas entre Freud e Fliess, mas também entre Freud e Sandor Ferenczi. As teorias delirantes de Fliess sobre as relações do nariz com a sexualidade, e o papel que ele desempenhou na auto-análise de Freud, são bem conhecidos. Ferenczi certamente não teve a mesma importância que Fliess na vida de Freud, mas, no campo da teoria, suas especulações bio-psicanalíticas repercutiram de forma significativa no pensamento de seu mestre. Em 1910, durante a viagem que fizeram juntos à Sicília, Freud recusou a proposta de Ferenczi de uma análise mútua, alegando a seu companheiro de viagem que, após a superação do caso Fliess, não sentia mais necessidade de empreender uma “total abertura da personalidade”. No entanto, a mesma

Desconstrução e superação do dualismo pulsional simples

Resenha de Luís Claudio Figueiredo, Palavras cruzadas entre Freud e Ferenczi, São Paulo, Editora Escuta, 1999, 208 p.

reserva não prevaleceu no campo das especulações bio-psicanalíticas. O fato de ter enviado com exclusividade a Ferenczi o texto “Visão de conjunto das neuroses de transferência” é uma evidência disso. Nesse texto Freud dá livre curso às especulações de natureza biológica, aproximando-se, assim, dos altos vãos especulativos empreendidos por seu colega húngaro em *Thalassa*.

Em *Palavras cruzadas entre Freud e Ferenczi*, Luís Cláudio Figueiredo põe em evidência os entrecruzamentos que conferem a *Além do princípio do prazer* e *Thalassa* o caráter de intertextualidade que vai além da participação de cada um dos textos num universo dialógico que os transcende. Na perspectiva desconstrutiva adotada por Luís Cláudio, as “virtudes civilizadas e civilizatórias do diálogo” são suplantadas pela “dimensão de violência embutida nessas relações”, tornando-as mais próximas de um “parasitismo” através do qual os textos hospedam-se em outros para sobreviver, assim como dão hospedagem para se beneficiarem de seus textos hóspedes.

Do cruzamento das palavras de Freud e Ferenczi nasce, então, o livro de Figueiredo. Mas para se chegar às “palavras cruzadas” é preciso ir além das teses e dos conceitos comprometidos com os *sentidos* visados pelos autores. É justamente a explicitação desta estratégia de leitura que ocupa os dois primeiros capítulos do livro.

No primeiro deles Luís Cláudio aborda algumas questões básicas sobre a atividade de interpretar e ler. Suas “Considerações metodológicas preliminares” trazem uma síntese densa, porém facilmente assimilável, dos pressupostos da leitura e da interpretação segundo o ponto de vista de

diversos autores. Nessa síntese encontramos desde aqueles que concebem a interpretação como atividade comprometida com a identificação de um *sentido transcendente*, como é o caso de Hirsch Jr., até Derrida, para quem a *diferença* precede e prevalece sobre a unidade, fazendo com que os sentidos se desestabilizem continuamente, enquanto percorrem uma rede de traços diferenciadores em que as oposições bem estabelecidas, as origens do sentido e as hierarquias que o comandam são irremediavelmente abaladas. Entre esses dois pólos, algumas idéias de H.-G. Gadamer e R. Rorty são relacionadas com a “questão mal resolvida ou nem colocada” do encontro com a alteridade do texto. Essas “Considerações preliminares” são concluídas com um exemplo bastante esclarecedor da reconstrução de uma *lógica não-identitária* da qual a leitura desconstrutiva se utiliza para fazer emergir a *alteridade* do texto, ou seja, aquilo que suas teses recalcam e que são ao mesmo tempo sua condição de possibilidade.

O segundo capítulo, “As leituras sistemáticas (ou nem tanto) de *Além do princípio do prazer*” traz muito mais do que é anunciado pelo autor na apresentação de seu livro, ou seja, “um rápido recenseamento de alguns exemplos de leituras mais ou menos felizes do texto de Freud que, inevitavelmente, servirão como pano de fundo para as análises e comentários que serão apresentados em seguida”. Trata-se, na verdade, de um capítulo essencial para

que se apreenda o que nos parece ser um dos principais objetivos do livro de Luís Cláudio, a saber, o desmonte do *dualismo pulsional* fundado numa oposição simples entre Eros e Tânatos ou entre forças de ligação e forças de desligamento. As posições teóricas de 5 autores relativamente ao segundo dualismo pulsional freudiano são analisadas nesse capítulo.

O uso abusivo que Melanie Klein faz do conceito de pulsão de morte (ou instinto de morte) justifica sua presença em primeiro lugar entre esses 5 autores. Winnicott aparece em seguida justamente por manifestar sua oposição ao instinto de morte e, a despeito de suas raízes kleinianas, sustentar uma lógica paradoxal em que “*destruição e construção, amor e ódio*” perdem aquela bela e confortável estabilidade dos entes que são apenas o que são e nada mais”.

Renato Mezan e Luiz Roberto Monzani são os dois autores nacionais cujas idéias sobre o segundo dualismo pulsional são destacadas por Luís Cláudio. As soluções propostas por Mezan para problemas importantes ligados à *repetição* são ana-

lisadas criticamente. Ao mesmo tempo que ressalta a precisão com que ele identifica os principais problemas relacionados à noção de *repetição*, Luís Cláudio aponta também os efeitos negativos que a distinção nítida de duas modalidades e dois tempos de *repetição* produz nas soluções propostas para os problemas que Mezan equacionara com tanta clareza. Ao distinguir uma *repetição* que, por estar comprometida com a ligação, seria precursora do princípio de prazer, de uma outra *repetição* que se desvincula da ligação e contraria esse princípio, evidenciando assim o aspecto mais propriamente pulsional da pulsão, Mezan estabelece uma cronologia e uma oposição que embora “estejam em Freud” não atendem àquilo que Luís Cláudio considera uma exigência que o próprio Freud nos impõe, a saber: “o prodígio de conceber relações entre elementos conceituais que não são nem exclusivamente opostos nem exclusivamente aliados, nem exclusivamente primeiros e originais nem segundos e derivados uns em relação aos outros”.

Quanto às idéias de Monzani, Luiz Cláudio desperta no leitor um apetite bem maior do que seus comentários conseguem saciar. Mesmo deixando claro que o livro de Monzani (*Freud. O movimento de um pensamento*) será um “companheiro de viagem” no percurso a ser empreendido nos capítulos subsequentes, os três pequenos parágrafos a ele dedicados contrastam com a afirmação, com certeza justa, de que se trata de “uma das mais notáveis e bem

desenvolvidas análises do texto freudiano”. Num desses parágrafos, o leitor de Luís Cláudio é deixado particularmente faminto ao ler que, diferentemente de Laplanche, Monzani “não interpreta o texto sobre a *pulsão de morte* de forma simplificadora, embora a influência nefasta do psicanalista francês se faça sentir, para prejuízo do autor nacional.” Se no caso de Mezan a influência negativa da *lógica identitária* é apontada com precisão, no caso de Monzani o trabalho de ir à procura dessa “influência nefasta” é deixado para o leitor.

Jean Laplanche é o outro autor cujas idéias sobre a pulsão de morte são analisadas por Luís Cláudio. Mesmo reconhecendo a boa qualidade das idéias de Laplanche sobre a sedução, sua

importância como leitor de Freud, bem como sua influência nos meios psicanalíticos brasileiros, o autor das *Palavras cruzadas entre Freud e Ferenczi* é bastante duro com o psicanalista francês ao afirmar que suas idéias sobre a pulsão de morte conseguem “produzir um estrago difícil de ser remediado”, ou que suas formulações sobre o segundo dualismo pulsional “mais confundem que esclarecem”. Aos olhos de Luís Cláudio a principal fonte da confusão encontra-se na forma simplista e confusa com que Laplanche trata as forças de ligação e desligamento que operam no interior das *pulsões sexuais*. Trata-se na verdade de uma proposta de superação do dualismo pulsional e do estabelecimento de um antagonismo interno ao próprio campo pulsional. Apesar de ver nesta proposta algo de verdadeiro, Luís Cláudio considera que ao estabelecer uma equivalência entre ligação erótica e a noção

metapsicológica de ligação de energia, Laplanche origina uma confusão conceitual de conseqüências nefastas.

Antes de demonstrar de forma plenamente convincente que essa equivalência simples desconsidera que Eros tanto promove a ligação de elementos diferentes quanto gera energia desligada; e que a promoção da estabilidade inorgânica por Tânatos necessariamente produz um aumento de energia tônica ou quiescente, Luís Cláudio faz a seguinte afirmação: “a ligação da energia (*Bindung*) parece ser de ordem, natureza e função totalmente distintas do que é a reunião de elementos diferentes para a formação de organismos pluricelulares, sejam os corpos biológicos dos animais complexos, sejam as coletividades macrossociais, embora o mesmo termo alemão seja empregado neste contexto”? Ora, uma distinção assim tão nítida, ao nosso ver, não condiz nem com a utilização de uma lógica não-identitária nem com o que se pode depreender de alguns momentos do pensamento freudiano em que o termo *Bindung* adquire uma importância especial. Se pensarmos, por exemplo, que no próprio texto de 1920, ao falar da “vesícula protoplasmática” como representante simplificado do organismo vivo, Freud atribui ao aporte excessivo de energia (e à conseqüente incapacidade

do organismo em ligá-la) a responsabilidade pela ameaça traumática de desintegração, só podemos concluir que, neste caso, ligação de energia e manutenção dos elementos constitutivos do organismo se equivalem. Dito de outra forma, a própria idéia de pára-excitação (*Reizschultz*) como mecanismo de defesa da integridade do aparelho anímico apoia-se inteiramente na idéia de que excesso de energia desligada equivale a uma ameaça de perda de integridade cujo modelo é precisamente a perda de integridade do organismo tomado em sua concreitude, ou seja, seus diversos elementos constitutivos.

Não há dúvida que Laplanche muitas vezes sucumbe à lógica identitária ao falar de ligação e desligamento. No entanto, se nos detivermos no esquema apresentado por Laplanche ao concluir o último capítulo de *Vida e morte em psicanálise*, a acusação de estar preso à idéia de uma

identidade simples entre Eros e ligação ou entre Tânatos e desligamento perderia muito de sua força. Nesse esquema Laplanche subverte toda associação simples entre esses termos desenhando o que ele denomina de um “quiasma” representativo da genealogia do último dualismo pulsional. Através deste quiasma, energia livre e desligamento são alinhados com Eros, enquanto energia ligada é alinhada à pulsão de morte.

Esses dois primeiros capítulos anunciam, portanto, todo um programa de leitura que é cumprido de forma plenamente satisfatória no restante do livro. Eles certamente tornar-se-ão referências preciosas para todos os que se dedicam à pesquisa acadêmica e que tantas vezes se vêem em dificuldade com as questões metodológicas. Mas é preciso embarcar na ousadia da leitura desconstrutiva dos textos de Freud e Ferenczi para que a força e originalidade do livro de Luís Cláudio comecem a envolver o leitor. Na verdade é o envolvimento do próprio autor que arrasta o leitor numa autêntica aventura de redescobrimto do caráter surpreendente, às

vezes quase delirante, dos textos em questão. Exclamações de alívio, de surpresa, de indignação e até mesmo de protesto permeiam o livro de Luís Cláudio. E, a cada vez, nos solidarizamos com seus sentimentos, ao mesmo tempo que simpatizamos com os esforços de Freud (ou de Ferenczi), com sua luta, às vezes desesperada, para organizar seu pensamento e estancar o fluxo das contradições e impasses que ameaçam suas próprias teses. É esta, aliás, uma das principais características da leitura desconstrutiva: ela não impõe nada ao texto, apenas explora, minuciosamente, os elementos que, no interior do texto, desestabilizam a unidade de sentido que o autor pretende construir e manter.

Os três capítulos dedicados à leitura de *Além do princípio de prazer* e os outros três dedicados à leitura de *Thalassa* estão repletos de reflexões, descobertas e interpretações extremamente instigantes, que nos dariam material abundante o suficiente para transformar esta resenha num outro livro, caso resolvéssemos determo-nos em cada uma delas. Em lugar disso, limitar-nos-emos à breve menção de um detalhe sobre a leitura do texto de Freud.

Um interesse bem específico de nossa parte levou-nos a lamentar que Luís Cláudio não tenha se detido sobre a seguinte passagem de *Além do princípio de prazer*:

“Sua própria tentativa de fazer um bebê (*selbst ein solches Kind zu schaffen*), efetuada com trágica seriedade, fracassa vergonhosamente. A menor quantidade de afeição que recebe, as exigências crescentes da educação, palavras duras e um castigo ocasional mostram-lhe por fim toda a extensão do desdém que lhe concederam. Estes são alguns exemplos típicos e constantemente recorrentes das maneiras pelas quais o amor característico da idade infantil é levado a um término. (*Es gibt hier einige wenig Typen, die regelmässig wiederkehren, wie der typischen Liebe dieser Kinderzeit ein Ende gesetzt wird.*)¹

Esta passagem refere-se à repetição na transferência tomada como a principal evidência da compulsão à repetição

que vai além tanto do princípio do prazer quanto da pulsão de dominação. Ela é, portanto, o fenômeno sobre o qual se apoia a postulação da tendência conservadora da pulsão. Mas o que torna essa passagem intrigante é a inclusão do desejo de “fazer” um bebê (e da decepção por não conseguir fazê-lo) no rol dos acontecimentos típicos da idade infantil. Freud não deixa dúvidas quanto à natureza edípica desses acontecimentos, bem como não dá nenhuma indicação de que a criança em questão seria apenas a menina ou o menino. A expressão “*ein Kind zu schaffen*” refere-se, portanto, ao desejo do menino tanto quanto da menina de criar (no sentido, por exemplo, de um artista que cria uma obra) sua própria criança. Nada disto teria a menor importância se Freud estivesse falando do desejo do menino de ser o pai do bebê a ser criado. No entanto, tudo indica que não é disso que se trata, mas sim do desejo de ser a mãe da criança, como mostra, de forma clara, a associação por ele estabelecida algumas linhas adiante entre o bebê e a promessa de um grande presente. Seja este presente algo a ser ofertado ou a ser recebido, num e noutro caso o desejo mantém sua natureza feminina pelo que ele revela de uma identificação da criança com a mãe produtora de bebês e/ou possuidora de bebês.

Parece-nos que essa passagem nos aproxima do tema da bissexualidade, o que, por sua vez, nos remete à Fliess, mas nos faz pensar igualmente numa possível ressonância com o conceito de *anfimixia* e o método *utraquista* utilizados por Ferenczi e que, segundo Luís Cláudio, “repetem um mesmo dizer, o dizer da reunião erótica entre diferentes que têm o poder de fecundar”. Tenhamos ou não razão em tentar aproximar estes elementos teóricos, a verdade é que o jogo das palavras cruzadas proposto por Luís Cláudio nos parece tão bom que somos tentados a acrescentar-lhe mais uma dimensão. E ainda mais quando um outro “F” vem ensejar os novos cruzamentos...

Ao concluir o último capítulo dedicado à leitura de *Além do princípio do prazer*, Luís Cláudio cita uma passagem de *A ética da leitura* de J. Hillis Miller em que os grandes livros são comparados a bombas-relógio não detonadas, à espera do bom leitor capaz de fazê-las explodir. *Palavras cruzadas entre Freud e Ferenczi* vem mostrar que essa propriedade explosiva de um texto freqüentemente é potencializada pelas relações de “parasitagem” que ele invariavelmente estabelece com outros textos: este é, sem dúvida, o caso de *Além do princípio do prazer* e *Thalassa*.

Quanto ao “bom leitor”, Luís Cláudio demonstra com seu livro quê, além de ter uma “atenção quase que infinitamente disponível para os detalhes”, é preciso que ele também tenha ousadia, humor e uma certa dose de paixão.

NOTAS

1. S. Freud, in *Além do princípio de prazer*, ESB, XVIII, p. 34-35.

Paulo César de Carvalho Ribeiro é psicanalista, doutor em psicanálise pela Universidade de Paris VII, e professor da UFMG.